

MULHERES DAS ÁGUAS

ISSN 1983-2354 Vol. XIV n. 38 Maio/2021



revista **af r i c a**
relatos africanos

Mulheres das Águas



Coordenação Editorial

Nágila Oliveira dos Santos

Organização

Elaine Cristina Marcelina Gomes

Érica Luciana de Souza Silva

Nágila Oliveira dos Santos

Patrícia Anunciada de Oliveira

Mulheres das Águas



Quissamã

2021



Mulheres das Águas

Copyright © 2021 Revista África e Africanidades

Diagramação: Nágila Oliveira dos Santos

Revisão: Érica Luciana de Souza Silva

Arte: Anna Carolina Rodrigues dos Santos

Capa: Patrícia Goulart Pinheiro

Direitos de edição e impressão à Revista África e Africanidades

revista@afriicaeafricanidades.online

www.afriicaeafricanidades.com.br

M956

Mulheres das Águas / Organizadoras Nágila Oliveira dos Santos, Elaine Cristina Marcelina Gomes, Érica Luciana de Souza Silva e Patrícia Anunciada de Oliveira.

Quissamã: Revista África e Africanidades, 2021. 105 p.

ISSN: 1983-2354

1. Literatura Brasileira 2. Coletânea 3. Literatura Negro-Brasileira

CDD B869

Rua Ângelo Silva n. 288 casa 1- Alto Alegre – Quissamã – Rio de Janeiro

CEP: 28.735-000

Whatsapp: 22 98181-7800

Indexadores



latindex



APRESENTAÇÃO

Salve as mulheres das águas!

Salve Oxum, Azirí e Dandalunda!

Salve Yemanjá, Abê e Kayaya!

Salve Obá e Caramosse!

Salve Nanã e Zumba!

Salve nossas quiandas!

Salve nossas ancestrais, mulheres dos terreiros e das aldeias!

Salve nossas mulheres ribeirinhas e quilombolas!

Salve nossas pescadoras, marisqueiras, canoeiras e lavadeiras!

Salve nossas meninas-mulheres e nossas mulheres-meninas!

Que a água seja lugar de memória, afeto, luta e resistência!

Que a água seja lugar de cura, ancestralidade e religiosidade!

Que a água seja lugar de transformação, vitalidade e gozo!

Que a leitura de Mulheres das Águas dê vozes às nossas narrativas!

Nágila Oliveira dos Santos

SUMÁRIO

PREFÁCIO	07
<i>Benedita Lopes</i>	
POEMAS	09
Cabeça d'águas	12
<i>Alissan Maria de Yemonjá</i>	
Omí	15
<i>Ána dy Nanã</i>	
Ondas	18
<i>Ana Soares</i>	
2 de fevereiro – Salvador	22
<i>Cecília Peixoto</i>	
A menina e o mar	23
<i>Cecília Peixoto</i>	
O mar que corre em minhas veias	26
<i>Clarice Marcon</i>	
Água sobre nós	30
<i>Claudia D'Arc</i>	
Conexões úmidas	33
<i>Daliana Cavalcanti</i>	
Nas águas de Oxum	36
<i>Edy Justino</i>	
Janaína	40
<i>Jeovánia P.</i>	
Me leva	41
<i>Jeovánia P.</i>	
Amor-Mar	42
<i>Jeovánia P.</i>	
Rodada 1: Quem é você?	45
<i>Lidiane Santos</i>	
amefricana	49
<i>ma njanu</i>	

No balanço do Mar	52
<i>Raimundo Nonato da Silva Filho</i>	
Aguadas	55
<i>Rita Queiroz</i>	
O encontro	58
<i>Sol</i>	
CRÔNICAS E CONTOS	59
Nas águas de Maria	62
<i>Edy Justino</i>	
Deixe seu rio jorrar	67
<i>Elaine Marcelina</i>	
Maresia e saudade	69
<i>Guiniver</i>	
Corpo universo - une versos	71
<i>Guiniver</i>	
Tânia Maluca, mulher do rio Kwanza	75
<i>Jandira Miguel Dala</i>	
A tecelã das águas	81
<i>Lucia Helena Alfaia de Barros</i>	
Filha de Oxum	86
<i>Nágila Oliveira dos Santos</i>	
Júlia às margens do rio Itapemirim	92
<i>Neli Oliveira dos Santos</i>	
Fio d'água	96
<i>Solange Santana</i>	
Uma mulher misteriosa	99
<i>Wudson Guilherme de Oliveira</i>	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	102

PREFÁCIO

Benedita Lopes

Dizer de “Mulheres das Águas” essa coletânea que têm cinco mulheres coordenando e organizando uma escrita a saldar a natureza líquida, sagrada, e corredeira do elemento água, através das palavras poemas e palavras prosas contos e crônicas, me coloca no patamar de cúmplice de cada escrita desse fazer artístico literário, porque acredito ser assim o ofício de ser leitor, assim, esperançosa de cumprir esse dever a contento, de imediato agradeço e respondo a esse compromisso a louvar todas, todos e todos artistas dessa obra o presente de prefaciá-lo esse rio/mar de escrita vida.

Em “Mulheres das águas” – parte 1 – abre a jornada, e eu leitora cautelosa sou levada pelas vozes poéticas de cada eu lírico a caminhar pelas praias dos rios doces, até mergulhar em suas profundezas e como corredeira alcançar o mar. Cada eu vozes/vidas de mulheres lutadoras e revoltosas, são mulheres que se fizeram contra o não do machismo, se construíram artistas, enfermeiras e professoras, protegidas pelas ancestrais, a serem Marias lavadeiras em beiras de rios, Marias respeitadas de seus corpos essências, Marias negras africanas a me ensinar de sua terra berço os vocábulos, Marias a ensinar do respeito à fé ao consagrar Iemanjá, Nanã e Oxum, Maria a falar, sobretudo, da fé em si mesmas.

E feliz fiquei ao ler um eu poético com voz masculina, a tecer sua fé no feminino sagrado. um homem-menino a buscar o axé-colo materno a reverberar com suas onomatopéias as carícias da mãe-sagrado-presente-Iemanjá.

“Mulheres Das Águas” é também prosa – parte II – Contos e Crônicas, como toda obra de arte, o clássico e o universal estão presentes nesse fazer artístico, posto que, esta obra tece sobre amor, dor, lágrimas e risos, textos históricos traçados entre o irônico e o cruel, e por isso, sobre o comum que é a vida e a morte, em que ser homem e ou ser mulher é viver entre a lucidez e a loucura “Mariete” jorra sangue, pois é revolta e justiça, e mesmo sem saber ensina do direito à liberdade.

“Mulheres das Águas” é um deixar jorrar emoções vida e arte por costurar com “linha d’água” cada eu único, cujo tecido final ao me cobrir se fez: água doce porque riso; água salgada porque lágrima e água de batismo porque cada eu poético nele liquefeito em palavras faz mergulhar o eu leitor na sua própria sagrada liquidez corpo/água de ser, Axé!



BENEDITA LOPES

É andreense de nascimento, negra de pai e mãe, graduada em letra por amor a literatura voltada ao público infanto-juvenil, especialista em língua portuguesa por entender que o domínio da língua padrão é um instrumento de poder, por isso, de defesa. E passou a habitar quilombos literários por ser antimachista e antirracista, com publicações na série Cadernos Negros – volumes 37, 40, 41, 43 e é cofundadora coletivo literários como Flores de Baobá. Como também, participou da coletânea “Elas E as Letras: Insubmissão Ancestral” – In-Finitas – Lisboa 2021; “Palavras Pretas” – Feminas -dandaras – SP/Brasil.



Poemas



➤ **ALISSAN MARIA DE YEMONJÁ**

*“Sou o vento que não pode ser controlado.
Sou aquela que cria e determina,
Sou aquela que invade e acaricia.
Sou a senhora dos fluxos”*

ALISSAN MARIA DE YEMONJÁ



Desde criança encantada com as palavras, mas foi nos caminhos de encontro com o Axé que percebeu de fato que elas também eram suas. Se compreendeu como parte integrante de um todo. A palavra se fez corpo. Mulher, candomblecista, Iaô de Yemonjá, carioca da Zona Norte. Licenciada em Teatro, Mestre e Doutora em Artes Cênicas (Unirio) com pesquisa sobre performances tradicionais afro-brasileiras no campo dos Estudos da Performance.

Especialista em Matrizes africanas e indígenas na Educação Brasileira (UFF). Professora de Artes na Educação Básica em redes públicas de ensino desde 2007 e atualmente professora de Teatro no curso de Licenciatura em Teatro IFFluminense. Coordenadora de projetos de pesquisa e extensão nas temáticas das Performances e Relações Étnico-raciais articuladas ao Coletivo Artístico Saravá. Artista-pesquisadora do Ex-perimetral Grupo de Teatro.

➤ **Redes Sociais**

➤ @alissan.ms

➤ @coletivoartisticosarava

➤ @experimetral



CABEÇA D'ÁGUAS

Um sorriso largo enfim deságua.
 Cabelos soltos, livres, libertos para balançar enquanto anda.
 Nada de amarrar ou prender.
 Eles balançam com o ar enquanto os olhos-terra miram certos.
 Sou a rocha redonda esculpida pela doçura sagaz de minha mãe.
 Eu sou água que escorre lânguida pela terra
 Há quem me olhe e ache inofensiva
 Eu banho, envolvo, refresco,
 Mas, se num descuido, tripudia a minha pretensa calma...
 É a minha leveza que te carrega e joga contra as pedras.
 Quem é da Água não tripudia dela.
 Omi ô! Odo Iyá!
 Somos todas o tudo de um todo
 Sou a firmeza da rocha, testemunha silenciosa,
 Sou a terra que me planta, sou a verdade da folha, sou a lama que dança,
 Sou o vento que não pode ser controlado.
 Sou aquela que cria e determina,
 Sou aquela que invade e acaricia.
 Sou a senhora dos fluxos.
 Sou aquela que muda os cursos.
 Sou várias e muitas em apenas uma Cabeça:
 D'águas.

Glossário:

Omi ô!: Saudação às águas. Omi, em yorubá, significa água.

Odo Iyá!: mãe do rio. É uma saudação ao orixá Yemonjá – divindade feminina das águas que no Brasil ficou associada aos mares e oceanos, mas em África seria originalmente cultuada na região do rio Ógun.

➤ ANÃ DY NANÃ

“[...] meu peito é um cacto arriscoso”



ÂNA DY NANÃ

Artista visual, poeta e pesquisadora (artes plásticas UEMG /
mestra em estudo de linguagens UNEB / doutoranda em
literatura e cultura UFBA)

site: <http://anapedrosa.com.br/>

lattes: <http://lattes.cnpq.br/7936930776870499>

Selo Candeia - objetos de arte:

https://www.instagram.com/candeia_arte/?hl=pt-br



OMÍ

meu peito é um cacto arriscoso
sobrevive espinho
se guarda curativa água
silencia

Glossário:

Omi: água em yorubá



 **ANA SOARES**

*“Qual a divindade
Que tem no mar??
Que encanta o olhar
Acaricia o ouvido
Com seu cantar??”*

ANA SOARES



Meu nome é Ana Soares, sou filha, mãe, escritora, poetisa e feliz. Já plantei algumas sementes e, acredito, já são árvores... rsrs... escrever, pra mim, é como brincar com as palavras... Eu gosto de desenhar, mas foi a escrita que tomou meu pensar. O trabalho é motriz guiando meus passos. Dos: Acontecimentos... Paixões... Amores... Ainda que não tantos... É o que move o meu escrever. E entre lágrimas e suspiros, sempre sai um rabisco na linha reta do caderno, no guardanapo, no papel de pão, onde puder escrever meu pensamento. E hoje com a tecnologia, digitando... Tenho tanto pra contar, essa vida, não é suficiente, ainda mais, que não me lembro de tudo. Um abraço de A a Z.



ONDAS

Ondas
É mulher de fases
Tão suaves são suas curvas
Mas cuidado
Ao se encantar
O tombo é certo
São cristalinas
Reluzem ao brilho do sol
Incansáveis, no tremer das marés
Indecentes
Sôfregas
Se olhar bem
Vai se perguntar:
Qual a divindade
Que tem no mar??
Que encanta o olhar
Acaricia o ouvido
Com seu cantar??
Não posso esquecer
Ela é
Iemanjá
Vestida do véu
Espumante
E
Rendado
Rainha das águas
Quando sua presença
Nos acalanta
No burburinho desse
Vai e vem

É certeza
De deixar hipnotizado
O mais trôpego
Dos corações

É ela
Uma Mulher Das Águas





CECÍLIA PEIXOTO

*“No mar, nas lagoas e diques da cidade
Habitam rainhas, senhoras da beleza
Braços acolhedores de mãe a nos proteger
Senhoras das águas a purificar nosso ser”.*

CECÍLIA PEIXOTO



Cecília Peixoto da Silva, natural de Salvador/BA. Mulher negra, Educadora da Rede Pública do Estado da Bahia, licenciada em Pedagogia (Com Habilitação em administração Escolar), Bacharel em Direito e Ciências Contábeis. Pós-Graduação em Educação Matemática e Educação de Jovens e Adultos (EJA), Curso de Extensão em Formação para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (UFBA). Textos publicados no Blog do Correio Nagô, Jornal Ébano e nas Redes Sociais do Instituto Hori. Participações na Cogito Editora em Mulher Poesia – Antologia Poética volumes de 1 ao 5 (2016/2017/2018/2019/2020). Antologia Poética Internacional, volumes: II, III, IV (2015, 2017, 2019) Cogito Editora. Coletânea Artista e Poeta (Brasil/Itália) 3ª Edizione –Eclética World Brasi. Coletânea Escrituras Negras – A Mulher que Reluz em Mim - Editora Ixtlan. Coletânea Livro das Maria II 2020 Editora Ixtlan. Coletânea Ecos do Nordeste 2020 – In-Finita. Coletânea Reverdecer 2020, Editora Dellicata. Coletânea Escrituras Negras – As Marcas, 2021- Editora Ixtlan, Coletânea Sintonia Cultural, 2021 – Editora Machado, Cadernos Negros 43 – Quilombhoje, integra o Coletivo Angela Davis (FACED/UFBA), o Núcleo Poesia, Cultura e Arte do Movimento das Sete Mulheres, o Grupo de Poesia MEL (Mulheres Entre as Linhas) é Conselheira do Instituto Hori – Educação e Cultura. Acadêmica Fundadora da Academia Internacional Mulheres das Letras.



2 DE FEVEREIRO – SALVADOR

Salvador, cidade onde a melanina é concentrada
 Descendência africana na cultura e no DNA
 A religiosidade sobreviveu a repressão, exige respeito
 Religiões de Matriz Africana festejam o 2 de fevereiro

No mar, nas lagoas e diques da cidade
 Habitam rainhas, senhoras da beleza
 Braços acolhedores de mãe a nos proteger
 Senhoras das águas a purificar nosso ser.

Ancestralidade que atravessou o Atlântico
 No mar do Rio Vermelho Yemanjá fez morada
 Oxum reina entre as dunas da Lagoa do Abaeté
 Águas salgada e doce reverenciadas com fé.

O céu e o mar, imensidões na mesma tonalidade
 Dia claro, aroma de rosas permeiam as ruas
 Perfumes, sabonetes, espelhos, simbologia ritualísticas
 Balaios ornados com meticulosos laços de fitas.

Herança de crença nas mulheres das águas
 Entre agradecimentos e pedidos, flores ao mar
 Recepcionadas pela espuma branca das ondas
 Vestes claras, pés descalços, preces, fios de contas.

Entre as pedras das praias ou no alto mar
 A mulher peixe agradece as oferendas, Odoyá!
 As ofertas depositadas nas águas do dique ou Abaeté

◆ Oxum as recebe com sorriso de mãe, Ora, iê, iê

◆

◆



A MENINA E O MAR

Azul que fascina
Som que acalma
Água que purifica
Cheiro que embriaga
Contemplá-lo, doces lembranças
De menina...
Banhar-se nas águas, ritual
De menina...
Pisar na areia fofa, traz confiança
Desde menina...
Repousa na sua orla, adormece
Sonha com búzios, peixes alados
Conchas de tom prateado, Odoyá
Reino sereno de Mãe Yemanjá
Acorda ao cair do sol, brisa fria
Céu alaranjado, poucas nuvens
Ergue-se renovada para a vida
Segue grata, fortalecida.





CLARICE MARCON

*“O mar que corre em minhas veias
sempre vai me avisar”*

CLARICE MARCON



Clarice Marcon é poeta, produtora cultural e antropóloga. Cursa Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (2019) com pesquisa de campo sobre a arte contemporânea do Benin. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (2014). Atua como produtora cultural, tendo realizado projetos de intercâmbio de grupos e agentes da cultura popular afro-brasileira para Portugal (2016) e Benin (2018). Realizou residência de pesquisa no Le Centre d'Arts du Benin, e Cotonou (jan. 2017). Foi da equipe do projeto "Museu da Casa do Samba: Essa Casa é Nossa! (2019) e do projeto Mulheres do Samba de Roda (2018), Mulheres Sambadeiras (2021) Editora e produtora da Revista Odù: Contracolonialidade e Oralitura. Membro do "Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual do Recôncavo (LEAA)" da UFRB e do Grupo "Confluências Afro-Indígenas" da UFBA. Tem experiência na área de Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia e Teoria Antropológica e Social. Realiza pesquisas sobre Arte Africana, Arte Contemporânea, Benin, Estética Pós-Colonial, Religiões Africanas e Afro-Brasileiras.



O MAR QUE CORRE EM MINHAS VEIAS

O mar que corre em minhas veias
 não está sujo
não está poluído

O mar que corre em minhas veias
 é verde, vermelho
 amarelo

ele se sustenta em minha carne, -
 todos os dias ele corrói os
 pesares que se fundem
 aos de minhas antepassadas

suas dores de parto foram
 as minhas também - eu sorri

e eu chorei quando Deus
 virou as costas para mim e para as minhas irmãs,
(Essas não são as águas das nossas Orixás) -

mas a água que corre em minhas veias
 também tem sal,

e sabe curar, arde
 em pele como o sol
leva as dores como o rio,
tem correnteza e
 tem além-mar,

na outra margem,

um amor vem me buscar,
de outras vidas a gente se encontra,
e dentro das veias,
é sem sangrar

O mar que corre em minhas veias
sempre vai me avisar



➤ **CLAUDIA D'ARC**

*“Penso em você quando a água me toca
E imagino tudo que não vivemos
Mas prometemos
Sinto sua boca sorvendo cada pelo de minha pele
Penso em cada espasmo e cada gemido que me prometeu”*

CLAUDIA D'ARC



Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Pós-graduanda em Neuroeducação pela Faculdade São Judas Tadeu, Especialização em Planejamento, Implementação e Gestão em EaD pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Especialização em Ciências da Educação pela Universidad Iberoamericana em Assunção (Paraguai), Especialista em Docência do Ensino Superior e em Psicomotricidade, ambas pela Universidade Cândido Mendes e graduação em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (2008). Atualmente atuando como Diretora Adjunta na Creche Municipal Sempre Vida Palmeirinha. Possui artigos científicos publicados e um poema na Antologia Poética (Poetize 2021) - Seleção Poesia Brasileira.

ÁGUA SOBRE NÓS

Penso em você quando a água me toca
E imagino tudo que não vivemos
Mas prometemos
Sinto sua boca sorvendo cada pelo de minha pele
Penso em cada espasmo e cada gemido que me prometeu
Como se me desmanchasse e esvaísse feito a água que desce pelo ralo
Você chegou numa maré alta, mas veio e se foi na mesma intensidade
De nada me adiantou ser filha das águas
Menos ainda minha transparência desnuda como a mais terna fonte
Ou ainda minha ardência originada longe dos barris, atravessada pelos oceanos
Ou ainda minhas curvas que muito lembram as ondas do mar
Intensa foi minha felicidade desfeita
Seguro as águas que brotam em mim ao pensar em você
Tantas outras que gostaria de ter exalado pelos poros e demais cavidades
Me fazem lembrar que preciso olvidar e ser forte como as águas de minha mãe, Odojá
Almejo alcançar a força e imponência de Yemanjá
E nunca mais quero me arrebatrar por alguém que não merece estar em uma maré de
pensamentos, devaneios e desejos...
Por fora, mar calmo. Por dentro, erupto sua imagem em vaporização.



➤ **DALIANA CAVALCANTI**

*“São chuvas e garoas
Que nublam o dia
Enche mares, rios e lagoas
Naná, em sua sabedoria”*

DALIANA CAVALCANTI



Daliana Medeiros Cavalcanti é natural de Currais Novos/RN e mora em Natal/RN. É cantora lírica, poeta, escritora, atriz, artista e professora. Bacharela em Música com Habilitação em Canto Lírico e Mestre em Artes Cênicas, ambos pela UFRN. Trabalhou na redação do Jornal EntreBairros e participou de algumas coletâneas, entre elas, a Coletânea de poesias de escritoras luso-brasileiras “Se Essa Lua Fosse Nossa”, do Projeto Enluaradas, lançada em abril de 2021.

É integrante do Mulherio das Letras Zila Mamede e da Equipe de Representação dos Cantores Líricos Solistas, Região NE 03 (RN e PB), categoria vinculada ao Fórum Brasileiro de Ópera, Dança e Música de Concerto. É criadora do canal Canto Dali, que tem por objetivo popularizar e deselitizar a ópera e o canto lírico.

E-mail: cantodalirica@gmail.com ou dalianacavalcanti@gmail.com



CONEXÕES ÚMIDAS

São as ondas do mar
Em sua inconstância
É a Iemanjá
Com amor e abundância

São belas cachoeiras
Que caem sobre o rio
Paisagens faceiras
Que Oxum refletiu

São chuvas e garoas
Que nublam o dia
Enche mares, rios e lagoas
Naná, em sua sabedoria

E nesse encontro de águas
Deusas e Orixás
Lavam todas as mágoas
Trazendo-nos paz

Com as águas que partilhamos
Lágrima, sangue, saliva, gozo e suor
À elas nos conectamos
E nos conhecemos melhor

Crescemos em nossa un(m)idade,
Evolui a nossa empatia
E reconhecemos nossa divindade
Que no coração se escondia.

(Daliana Medeiros Cavalcanti – 26/03/2021)



◆ **EDY JUSTINO**

*“Sou filha das águas,
de garra, força e brio
Mulher da labuta
braços que afagam
ouvidos que escutam
ventre que fecunda”*

EDY JUSTINO



Mulher-Morena. Professora. Escritora e Poetisa Paraibana. Feminista. Sujeito de Encruzilhada. Membro da Academia Internacional Mulheres das Letras e da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Mestranda em Estudos Culturais e de Gênero PPGL/UFPB. Autora dos Contos: Sabores do Amor “Avóternal” (2021); Concurso “Heroínas Negras” Conto: “Quando a casa se deitou” (Em curso). Poemas: O Recado + (Des)treinada (2020); Desejo + Leitura

em V (2020); Despretensão + O fio + Convite-Chamamento + Alfaiataria (2020); Apresentação + os poemas: Influxas Insubmissas + Insubmissão Ancestral (Elas e as Letras III - 2021). Prefácio da Obra *A FALA DE NÓS* (Org. Helena Monteiro / 2021). Participante de Antologias e dos Mulherios: PB, CE, RN, RJ, SP, EUA ...

Redes Sociais

<https://www.facebook.com/edy.justino>

<https://www.instagram.com/edilenejustino1711/>



NAS ÁGUAS DE OXUM

Sou filha das águas,
de garra, força e brio
Mulher da labuta
braços que afagam
ouvidos que escutam
ventre que fecunda
sou árvore frondosa
do mundo formosa
também do Brasil.

Mulher das estrelas
da lua que é minha e que é tua
do mar das matas dos rios.
Sou a que se banha
nas águas onde está
desponta, canta e encanta
do leito dos rios
aos braços do mar.

Eu sou a menina,
a dama de amarelo
que anima e fascina,
ama e consola,
a senhora,
a rainha d'água doce
que desde outrora
tem seu jeito próprio
de se apresentar.

Sou aquela que aflora
quando é chegada a hora
de dizer o que é que há?

Eu nasci foi pra brilhar
e se duvidas, criatura,
tire essas mãos da cintura,
me expia me alumia
e vem para perto
tente me acompanhar
para ver no que vai dar.

Eu vim de longe e de perto
por isso mesmo confesso
que de modo justo e certo
é hora de desaguar.

Não de jeito escandaloso
mas de modo precioso
com o meu querer manhoso
onde as águas se encontram
se misturam e se encantam
ultrapassam desafios
do pântano, lago, rio ou mar,
confirmando com arrepio
do universo o elogio
trazidos na brisa mar
porque vale a pena
A(mar).



➤ **JEOVÂNIA P.**

*“Os olhos querem alcançar
Mas a vida nega a preta
Ser tocada com a profundidade do mar”*

JEOVÂNIA P.



Jeovânia P. é poeta, escritora, professora, mestre em Filosofia. Livros individuais publicados: “Palavras Poéticas”; “Poeticamente Entre Versos & Bocas”; “A-M-O-R”; “Quem abriu a boca da pedra”; “Re[s][x]istência” e “Na estrada da poesia”. Coletâneas que organizou: “O Livro das Marias”; “O Livro das Marias II”; “Escrituras Negras_ A Mulher que Reluz em Mim”; e “Escrituras Negras II_ As Marcas”.

Redes sociais:

https://www.youtube.com/channel/UCjLppp_PfR6WkEaqHLNMuxA

<https://www.instagram.com/jeovania.pinheiro/>

<https://www.facebook.com/Jeov%C3%A3nia-P-812051609177578>

<https://www.facebook.com/jeovania.pinheiro/>



JANAÍNA

Não vou
Não quero
Navegar sobre teus montes
E vales

Quero andar
Vagar por aí
Não sou do mar

Desculpe
Iemanjá

Te olho daqui

Não vou
Tenho medo de ti

Janaína
Leva marinheiro para o fundo do mar

Não vou
Navegar sobre teus montes
E vales

Ficarei cá na terra
Para cantar
A deusa do mar
Sem nunca
Navegar sobre teus montes
E vales

ME LEVA

Traz a jangada pro mar

Me leva amor

Me leva

com você

Me leva amor

Me leva

com você

Pra junto do sol

Pra junto do mar

Pra casa da mãe *Janaína*

Me leva amor

Me leva até a linha

De azul com azul

De verde de mar

De terras por desvendar

Me leva amor

Me leva

AMOR-MAR

Sou como horizonte
Quanto mais se chega perto
Mais longe fica

Os olhos querem alcançar
Mas a vida nega a preta
Ser tocada com a profundidade do mar

Amor-mar
No horizonte negro
Só usa as pernas pra nadar
Se desmancha na beira na praia feito onda
E saí

Navegar
Construir um barco
E nessas águas negras morar
Não há quem o faça
Nem o sol nem a lua
Permanecem
Todo dia eles se vão
Assim como os homens



◆ **LIDIANE SANTOS**

*“Sou água represada.
Busco pequenas frestas.
Deixo um pouco escapar. Me esvaçio.
Mas sou uma represa condenada [...]”*

LIDIANE SANTOS



Moradora da CDD, coordenadora do Projeto Eco Rede (Alfazendo/CDD), mãe do Arthur licenciada em Ciência Biológicas- UFRJ, integrante do Gesf (geotales/ Unirio). "Rodada 1: quem é você?" é minha primeira poesia com essa assinatura. E-mail: lidi_mcc@hotmail.com



RODADA 1: QUEM É VOCÊ?

Eu sou sede.

Sou falta d'água que dá dor de cabeça.

Sou goladas que não saciam.

Sou gota d'água que transborda.

Sou água que inunda.

Às vezes translúcidas

que refrata e reflete luz.

Que absorve calor

e nas primeiras camadas da minha superfície

faço bombar vidas

mas que tenho zonas profundas

quase mortas,

onde quase nada é capaz de sobreviver

Ou onde quase nada foi descoberto

por ser um mergulho muito fundo,

talvez perigoso,

talvez doloroso.

Mas que atíça a curiosidade e instiga.

Revela.

Não deixa escondido.

Sou água represada.

Busco pequenas frestas.

Deixo um pouco escapar. Me esvazio.

Mas sou uma represa condenada

Os esparadrapos não vão fechar rachaduras.

A água vai jorrar e eu vou ficar no lugar.

Sou água agitada.

Me recuso ficar parada.

Bato mil vezes na parede.

Elas vão me mostrar outro percurso.

Me elevo junto aos meus sonhos.

Me reencanto.

Me expando.

Reentranho

Me encontro.

Reencontro.



➤ **ma njanu**

“não me traduza
sou poesia
infinita”

ma njanu



ma njanu é poeta, artista visual e educadora cearense. faz parte da pretarau - sarau das pretas, coletiva de artistas negras de fortaleza e região metropolitana; e da rede de mulheres negras do ceará. sua criação artística é desenvolvida através de narrativas literárias e imagéticas que envolvam memória subjetiva-individual coletiva, trauma e cura, celebração de saberes tradicionais do terreiro do candomblé; crítica e ruptura dos sistemas coloniais da modernidade, produtores de violência racial, econômica, ambiental, política, cultural, de gênero e sexualidade. publicou a zine na boca do dragão da américa latina e olho de tigre com fome: considerações sobre a literatura perversa (2020).



amefricana

não me traduza

sou poesia

infinita

meu balanço é fascinante

rio fácil

vim das águas

e por isso não se engane:

rasgo as margens

quando quero

tomo o mundo

levo tudo

nem aviso ou me despeço.



➤ **RAIMUNDO NONATO DA SILVA FILHO**

*“Ondas crescem e o Mar fica a ofegar
tchua, tchua, tchua à espera de Iemanjá”.*

RAIMUNDO NONATO DA SILVA FILHO



Graduado em Língua Portuguesa, mestrado em educação. Autor do livro Democratização do ensino superior no Brasil (2018), publicou nos Cadernos Negros 43 (2020). Atua no Programa Ensino Integral - como professor coordenador geral na Rede Pública Estadual Paulista (desde 2007 – PEI 2017). É organizador do encontro USP Escola e ministrante do curso Escola pública democrática:(re) construindo conceitos. Membro fundador da Associação de Professores de Escolas Públicas e sem fins lucrativos – APEP - <https://associacao-a pep.wixsite.com/a pep>. Atua também como tutor EAD, na Universidade Federal de São Paulo, no curso Literaturas de Língua Portuguesa – Brasil/Portugal/Moçambique.



NO BALANÇO DO MAR

A Lua cheia reluz nas ondas do Mar
Meus olhos brilham à espera de Iemanjá
O avançar da hora me faz pensar:
Ela não vem.
As doze badaladas fazem cachorros latirem, uivarem feito lobos.
Pássaros gorjeiam, corujas se posicionam nos mastros dos barcos.
Ondas crescem e o Mar fica a ofegar
tchua, tchua, tchua à espera de Iemanjá.
No balanço do Mar.
Estou pronto para te amar Senhora das águas,
se assim vos desejar
Senhora do Mar, Rainha Iemanjá.
No balanço do Mar tchua, tchua...
Sempre vale a pena esperar
Axé mãe Iemanjá.



➤ **RITA QUEIROZ**

*“As águas que me habitam
Cortam meus oceanos
Invadem meus labirintos”*

RITA QUEIROZ



Natural de Salvador - BA. Professora universitária. Escritora. Poeta. Autora de 5 livros de poemas para o público adulto e 5 livros para o público infantojuvenil. Organizadora de 9 coletâneas. Participações em mais de 100 antologias/coletâneas. Publicações em revistas literárias nacionais e internacionais. Integra os seguintes coletivos: “Confraria Poética Feminina”, “Mulherio das Letras”, “Confraria Ciranda Poetrix” e “Coletivo

de autoras de literatura infantojuvenil da Bahia”; além de fazer parte das seguintes academias: Academia Virtual de Arte Literária (AVAL), Academia Internacional de Literatura Brasileira (AILB), Academia Internacional Mulheres das Letras (AIML), Academia de Artes e Letras Internacional da Baixada Fluminense e Brasil (AALIBB) e Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil (ACILBRAS).

E-mail: rqrqueiroz@uol.com.br

Facebook: /rita.queiroz.334

Instagram: @ritaqueirozpoesiando | @bordado_de_sonhos

Youtube: /user/rqueiroz22

Loja virtual: <https://ritaqueirozpoesiando.loja2.com.br>

Podcast: <https://www.spreaker.com/show/rita-queirozs-podcast>



AGUADAS

As águas que me habitam
Cortam meus oceanos
Invadem meus labirintos
Transformam meu barro.
As águas que me movem,
Provocam redemoinhos nas minhas luas,
Corredeiras em meus céus,
Dilúvios nos meus olhos.
As águas que tecem minhas alvoradas
São doces,
São salgadas,
São plenas dos fios de Penélope e Oxum.
As águas que me deságuam
São metáforas de saudades,
Anseios de palavras,
Âncoras de exílio.
As águas que nos unem,
Seguem trilhas nuas,
Vertigens de pés trôpegos,
Angústias deixadas na foz.
As águas que nos abençoam
Os riscos, as sinas, as feridas,
Brotam dos precipícios
E perfumam o voo dos colibris e gaivotas.



 SOL

*“Olhando para essas águas
Vejo o passado e suas marcas
Água que contorna e corta terras
As vezes doce e outras amargas”*

SOLANGE OLIVEIRA SANTOS (SOL)



Natural de Canavieiras – BA, reside em Lucas do Rio Verde-MT, atuando como professora concursada desde 2011 na rede municipal. Possui graduação em Pedagogia (UNOPAR) e Biologia (UFMS), é pós-graduada em PNEE'S (FIC). Tem cinco livros infantis publicados, teve início como escritora em 2015. Foi ganhadora do Concurso: Seu Projeto Vale Prêmios (2015). Em 2018, publicou e lançou seu quarto livro: Ser borboleta, na Bienal de SP. No ano de 2018, participou do SEMIEDU/Cuiabá com o Minicurso: A arte de Contar e Explorar Histórias. Outubro/2018 participou como avaliadora do Concurso Literário: 30 anos de Lucas do Rio Verde; Em 2019, lançou o quinto livro na Bienal RJ. Ganhadora do XI Prêmio Zumbi de Cultura – MG, em 2020, categoria literatura. Ocupa a cadeira de número 6, na Academia Luverdense de Letras - ALL.

Redes Sociais:

E-mail: solangeoliveiraescritora@gmail.com

Instagram: [oliveirasolange787](https://www.instagram.com/oliveirasolange787)

You Tube: [solangeoliveira](https://www.youtube.com/channel/UC...)



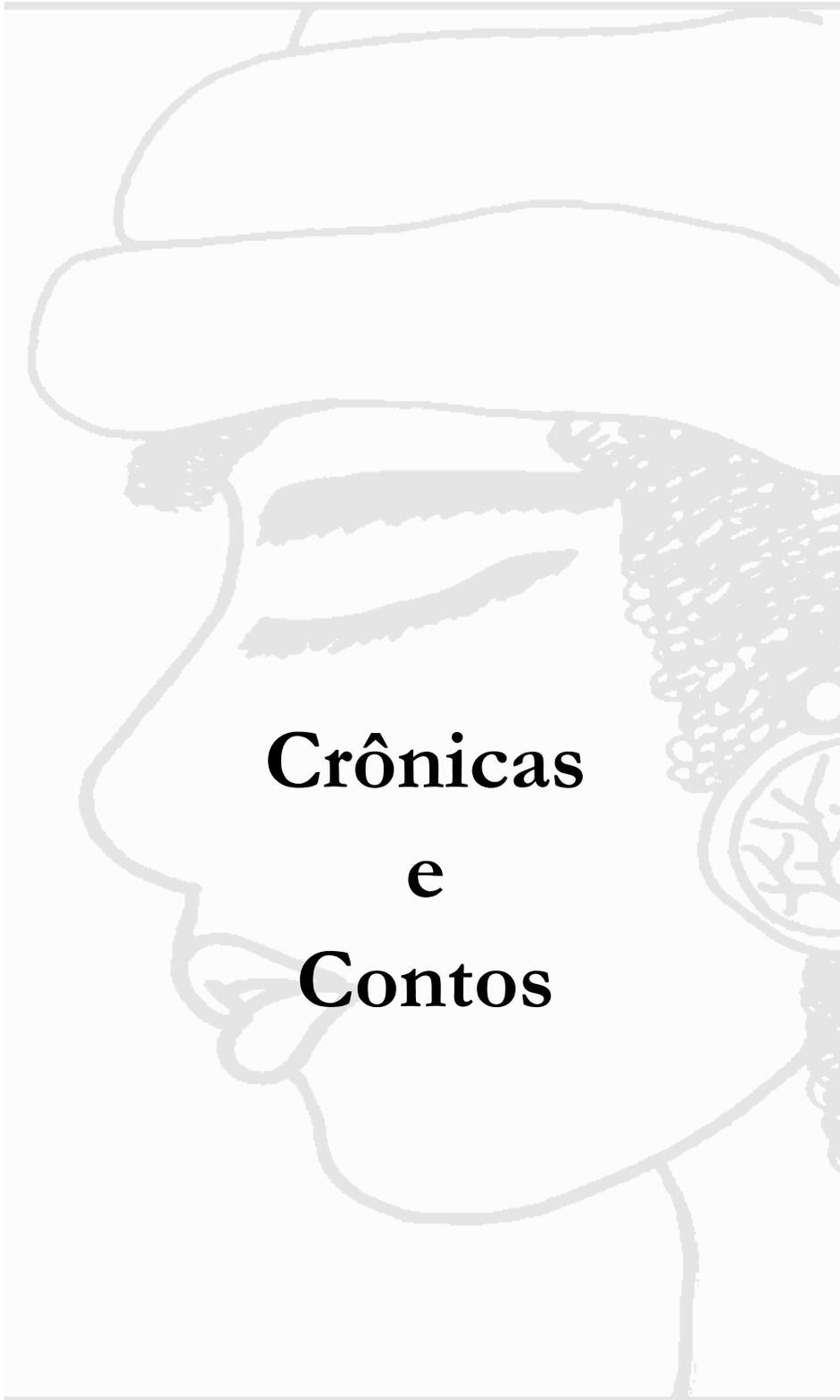
O ENCONTRO

Água que me lava me hidrata
Que vem de longe e traz os meus
Viagem longa, com desvantagens
Sem qualquer felicidade

Como não posso nela caminhar
Deixo nela o registro do presente
Olhando para o futuro contente
Querendo a mesma rota cruzar

A bela África encontrar
e belas histórias contar.





🐟 **EDY JUSTINO**

*“É preciso que lhes advirta; Maria é mulher de muitas águas.
Umás transparentes e doces, outras translúcidas e
dessalinizadas, outras barrentas, porém doces, outras salobras.
Mas todas, reveladoras de histórias que, por convenções e ou
conveniências, permanecem escondidas no grande e profundo
poço das barreiras sociais”*

EDY JUSTINO



Mulher-Morena. Professora. Escritora e Poetisa Paraibana. Feminista. Sujeito de Encruzilhada. Membro da Academia Internacional Mulheres das Letras e da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Mestranda em Estudos Culturais e de Gênero PPGL/UFPB. Autora dos Contos: Sabores do Amor “Avóternal” (2021); Concurso “Heroínas Negras” Conto: “Quando a casa se deitou” (Em curso). Poemas: O Recado + (Des)treinada (2020); Desejo + Leitura

em V (2020); Despretensão + O fio + Convite-Chamamento + Alfaiataria (2020); Apresentação + os poemas: Influxas Insubmissas + Insubmissão Ancestral (Elas e as Letras III - 2021). Prefácio da Obra *A FALA DE NÓS* (Org. Helena Monteiro / 2021). Participante de Antologias e dos Mulherios: PB, CE, RN, RJ, SP, EUA ...

Redes Sociais

<https://www.facebook.com/edy.justino>

<https://www.instagram.com/edilenejustino1711/>



NAS ÁGUAS DE MARIA

É preciso que lhes advirta; Maria é mulher de muitas águas. Umas transparentes e doces, outras translúcidas e dessalinizadas, outras barrentas, porém doces, outras salobras. Mas todas, reveladoras de histórias que, por convenções e ou conveniências, permanecem escondidas no grande e profundo poço das barreiras sociais.

Algumas vezes saía de casa com filhas e vizinhas entre às 23h e 23h30 para buscar ‘água de beber’ na cacimba de areia. O trajeto era longo, e o tempo de 1h de caminhada até o local rendia-lhes conversas, conselhos, trocas de experiências e risos. No solo de areia quase cinza ficava o veio de água cor de barro. Chegando lá, em fila, por ordem de chegada, a paciência era a mãe de tudo. No breu da noite, Maria costurava risos de esperança com as demais mulheres com quem esperava o emergir das águas doces.

As mulheres sempre voltavam juntas. Embora o fluir da água fosse lento, o retorno de todas dava-se quase pela manhã quando o sol já mostrava seus primeiros risos. No caminho Maria já instruíra as demais. Ao chegar em casa, era a hora da alquimia da sobrevivência; o cloro e ou o vinagre era despejado na jarra d’água para separar o barro daquilo que seria a ‘água de beber’ da família.

Noutras manhãs, Maria encabeçava o grupo de mulheres que, de latas e rodilhas nas mãos, precisavam pôr em casa a ‘água de gastar’ nos afazeres diários, de um açude de água barrenta, de uma terra de areia cinza-laranja, salobra, mas só permitida, até certo limite d’água, partilhada com os animais alheios, que bebiam e banhavam naquelas águas e que tinham prioridade. Mais um trajeto em que a líder comutaria, Maria, protagonizava as discussões acerca da vida e das questões sociais.

Quando a cacimba da ‘água de beber’ secava e a proibição da ‘água de gastar’ chegava, era noutros dois açudes, noutras propriedades que se apanhavam as águas de todas as Marias do povoado Canto Alegre. Pela manhã ou ao final da tarde, mulheres de todas as idades sentavam-se na calçada de Maria a esperá-la para buscar água. Não se tratava só de água, o percurso é que era o alimento às demais mulheres.

No açude de água translúcida e salobra, coberto de pastas em formato de flor, os sapos cantavam, os minúsculos animais d’água; as baratas e outros mais, fugiam dos humanos. A cobra d’água verde-escura se deixava flagrar quando emergia para respirar. Ela

também fugia, e, embora fosse presença viva e certa, instaurava medo nos que a viam. Ritual semelhante se fazia no outro açude da ‘água de gastar’, água barrenta e misteriosa na qual as mulheres adentravam, enchiam as latas e, sentavam-se por minutos, à beira de um dos açudes, para tomar as lições de Maria. Depois, faziam as rodilhas e agora, de latas d’água na cabeça, retornavam às casas e a “vida severina”, mas embaladas pelas discussões que ora lhes afrouxavam o pranto e ora lhes afloravam o riso.

Mas, as estações do ano é que definiam os lugares e as condições das águas. No inverno era nos açudes que elas estavam, no verão, e para o banho das roupas sujas, era no rio que os encontros das Marias se davam. O fato é que as águas de Maria sempre encontravam uma ocasião para desaguar com e nas mulheres que delas necessitavam.

E assim, com o relógio marcando 4h da manhã, aos 60 anos de idade Maria já estava de pé. Alimentava as galinhas, fazia o café torrado e batido por ela mesma no pilão, e o cuscuz, de milho fresquinho, moído na máquina manual, para comer com o leite da vaca quixaba, criada no minúsculo curral ao lado da morada. E começava a acordar as mulheres da casa enquanto juntava as grandes bacias de alumínio, compradas nas feiras livres, nas quais levavam as extensas trouxas de roupas sujas a serem banhadas nas águas do Rio Paraíba. Maria acordava Carmélia, a do meio, e Valentina, a mais jovem dentre as mulheres. Marta, a mais velha, ficava para cuidar das crianças, da casa, dos animais, e a preparar o almoço a saciar a fome de todas no retorno da lavagem de roupas.

Por mais cedo que chegasse ao rio, já havia muitas mulheres no ofício. Maria e as filhas escolhiam a pedra mais ampla e lisa. Sempre próxima de um veio d’água limpa de onde se pudesse enxergar o fundo do rio. Com as mãos em conchas ela banhava o rosto e as pedras, antes de espalhar as trouxas de roupas. Para agilizar o retorno e reduzir o peso, a lavagem se iniciava pelas peças mais pesadas. Primeiro, as redes dos meninos que eram ensaboadas e expostas ao sol para quicar e secar. Em seguida os lençóis feitos das redes que já não serviam mais. Depois as roupas do trabalho pesado no roçado.

Com o rio cheio de outras mulheres que ocupavam pedras na lavagem, Maria sempre estava perto de muitas mulheres. Conversavam sobre temas afins; casamento, filhos, carestia, corrupção, violência doméstica, inverno ou verão, o lodo que descia rio abaixo a partir das 11h. As que ficavam mais tempo é que ouviam-na cantar:

— *“Obrigado senhor, porque és meu amigo/ porque sempre comigo tu estás a falar/ no perfume das flores, na harmonia das cores, na fonte que corre ligeiro a cantar. Refrão: Escondido tu estás no verde das*

florestas / nas aves em festa / no sol a brilhar / na sombra que abriga / na brisa amiga / na fonte que corre / ligeiro a cantar / lá ia, lá ia, lá ai, (3x)”.

Sempre que Maria desaguava era em palavras de acolhimento e cantos, muito raramente em lágrimas, tinha dificuldade de deixar o rio humano vir aos olhos, temia a vigilância dos expectadores, poderiam julgá-la de fraca, frouxa, ou coisa pior. Aprendera, pelo exemplo materno, a ser forte o tempo inteiro, mesmo quando por dentro era toda mar.

Mulher é água e como tal, quando se juntam, misturam-se e fortalecem-se na transposição dos obstáculos da existência. Talvez Maria nem soubesse disso, mas naquelas ocasiões e manhãs ensolaradas, a melhor coisa que havia era está ali, pertinho dela, tomando sol na moleira, mas nos ensinamentos, nos braços do leito rio, nas partilhas e mergulhos e, o mais importante de tudo; nas águas de Maria.



 **ELAINE MARCELINA**

“[...] para escrever é preciso que se tire a represa de seu rio, essa represa é tudo aquilo que te paralisa, que te congela, que não te permite seguir, ou deixar suas águas seguirem até o mar, até o seu mar/texto”.

ELAINE MARCELINA



Elaine Marcelina nasceu no Rio de Janeiro. É graduada e mestra em História, escritora e roteirista. Tem nove livros publicados, entre eles “Mulheres Incríveis”, “As coisas simples da vida” e As tranças de Marcelina. No final de 2019, lançou a Série da Marcelina, criando uma personagem negra, numa trilogia com três livros. Seu livro autoral mais recente é Beata: A menina das águas (infantil). Participou de várias antologias, dentre elas “Cadernos Negros” Ed. 38, 40, 42 e 43 e vem também organizando outras tantas. Regularmente escreve para o blog: www.mulheresincríveis.blogspot.com e ministra a oficina de escrita criativa “Meu primeiro livro”, de forma a incentivar a escrita de crianças, jovens e adultos. É membro do grupo de pesquisa Escritas do Corpo Feminino - UFRJ, Militante do MNU- Movimento Negro Unificado. Coordenadora do GT de Literaturas Afro-Brasileira da Revista África e Africanidades, atuando também no periódico como conselheira editorial. Criou com a militante Anna Gomes, a livraria Oju-Obá (Rua Alfredo Pessoa, 85, apt. 201, Campo Grande, Rio de Janeiro ou -oba.lojaintegrada.com.br) especializada nas temáticas africanas e afro-brasileiras.



DEIXE SEU RIO JORRAR

Sempre que penso no Rio, me vem à imagem das águas seguindo seu fluxo, imagem forte, a água tem poderes, muitos. E hoje uso em minhas aulas a analogia de deixar essas águas que moram dentro de ti jorrar, e comparo essas águas, com a permissão que devemos nos dar no ato de escrever, pois para escrever é preciso que se tire a represa de seu rio, essa represa é tudo aquilo que te paralisa, que te congela, que não te permite seguir, ou deixar suas águas seguirem até o mar, até o seu mar/texto.

Falar das águas daria uma tese, porque somos gerados nas águas, nascemos quando a bolsa d'água estoura, tomamos banho diariamente, quando os males por vezes vêm, há quem tome banho de ervas, o batismo na igreja católica tem água derramada na cabeça da pessoa a ser batizada, tem água benta, na igreja evangélica tem a água ungida, nas religiões de Matrizes Africana, um dos atos da iniciação se dá com banho na cachoeira, na igreja evangélica o batismo se dá nas águas também, dizem os antigos e eu sigo, não se nega um copo d'água a ninguém, a primeira chuva de Janeiro é sagrada, tem simpatia para a criança que demora a falar, que é beber um pouco d'água da chuva de Janeiro, um banho de mar leva as mazelas e traz a leveza e por aí vai. Então meus amores e amoras, deixem seu rio jorrar e correr para o mar, um mar de textos e de histórias que brotam desta mina que é você.





GUINIVER

*“Me visto de maresia e o tempo nem corre,
anda calma à beira mar. O quente asfalto corta a paisagem
molhada: o verde, o cheiro, a brisa, onde pequenos se distraem com
conchas e pedrinhas.”*

MAREZIA E SAUDADE

"Me visto de maresia e o tempo nem corre, anda calmaria à beira mar. O quente asfalto corta a paisagem molhada: o verde, o cheiro, a brisa, onde pequenos se distraem com conchas e pedrinhas. O sol anunciando a partida, tímido aquecendo sorrisos numa preguiça cheia de areia e calor. O tempo se veste de sal e ruído de arrebentação. E de tombo em tombo, brota vida beliscando e lambendo nossos pés, esmaecendo com seu cântico na areia. Nostalgia. Aqui no meu Templo silêncio flutuam mil pensamentos, corre denso líquido das grutas dos meus olhos, tão salgados quanto o espelho que enfeita a miragem. Nessa hora, eu sou quase mar, sem divisão entre o tempo e o destino. Nessa hora eu sou todo o mar, sou maré..."

Todas as vezes que me botei na estrada depois de adulta, não pude deixar de conduzir meu olhar para as bonitezas das aventuras e desventuras de minhas migrações temporárias ao litoral.

Sempre me lembrava de garantir que na bagagem tivesse: meus livros preferidos de poesia, bloquinho de notas, lapiseira e borracha.

Nunca fui uma "Dora Aventureira" entusiasmada. Já crescida, o trânsito me deixava tensa e mal-humorada. Sempre curti mais a chegada/parada que o caminho e para evitar que aqueles que seguiam comigo se aborrecessem em demasia, eu me punha a escrever reflexões, poesias, elocubrações fantásticas, alquimias linguísticas, sempre num caminho interno para o ócio criativo.

Quando não estava escrevendo, estava criando poesia com nuvens, mania adquirida com as matriarcas da família. Confesso que esse hábito se tornou bem mais divertido depois de ter filhos.

Pelo olhar das crianças, nuvens são sempre desenhos postos em movimentos pela brisa. Daí, a minha brisa de mulher adulta em desenhar com a mente, naquelas enormes massas de algodão suspensas parecia mais lúcida em companhia dos rebentos.

Não fiz viagens muito longas ou internacionais. E sempre que possível, migrei para perto do mar. É onde me sinto plena e inteira. É onde meu corpo se queda, se entrega ao torpor da maresia, a quentura de dourar a pele, ao prazer de ter entre os dedos dos pés a aspereza da areia salina.

Dia desses, ao fazer uma limpeza na pasta de fotos, deparei-me com inúmeras imagens de épocas diferentes dos meus encontros com o mar. Sou amante do mar. Nunca consegui mensurar essa relação íntima que eu tenho com ele. Faz tempo que não o olho de frente. Nessa condição de distanciamento/isolamento social precisei, me apartar de uma das minhas fontes inspiradoras da escrita.

Sou capaz de ficar horas olhando para sua espuma branca, enquanto brinco de ser feliz em pensamento.

Quando me banho, o mar eleva minha energia e dança ao redor do meu corpo. Sinto falta de dançar com o mar, de me fundir com ele, de ouvi-lo faceiro.

O mar sempre me dita versos, canções e me traz lembranças calorosas. Ou então, me estimula a criar imagens mentais e realidades paralelas, cheias de êxtase. Os meus encontros com o mar foram sempre tomados de lascívia, de tesão e de afeto.

Às vezes, um qualquer desavisado me tirava desse tônus vibratório, dessa sinergia com as marés que eu e aquela imensidão de água revolta criamos em torno de nós durante nossos encontros.

A qualquer hora que eu o procurasse, noite ou dia ele estava lá, disposto a trocar afeto comigo. Muitas feridas contidas na alma, ele curou com lampejos de unção.

Eu sinto saudade de muita gente, de familiares, amigos próximos, afetos, mas morro de saudade do mar, sinto ciúme de quem o tem por perto, de quem dorme acalentado pelo seu ruído de arrebentação, ou pelo tilintar da chuva de verão no seu leito/espelho. Eu o amo e também temo suas ressacas, seus revezes, seus destemperos e revoltas.

Penso que tenho sido muito repetitiva em tudo que escrevo ultimamente. Me falta inspiração, o traquejo maneiro das fofocas que eu fazia com suas ondas brancas. Sou amante do mar. Tenho tesão no nosso encontro. E uma saudade imensa de flertar com seus acordes.

Quando me falta inspiração, o mar é minha brisa.

CORPO UNIVERSO - UNE VERSOS

É chegado o tempo em que descubro a grandeza dormente no íntimo, no corpo que o espelho reflete. Então, constato e somo o que vivi. Já tive um corpo jovem, magro, firme e desejado, que não me deu metade do prazer que reside em meu corpo maduro, de seios um tanto flácidos, nas gordurinhas localizadas – agora localizadas por toda parte – nas olheiras insones, nas marcas de expressão.

Meu corpo abriga minhas vivências, meus amores, os dissabores. Meu Habitat.

É o invólucro da minha alma, é minha matéria de passagem, gosto dele assim, mesmo que outros desgostem, queiram opinar sobre ele, corrigi-lo ou colocá-lo num padrão que não é o que almejo.

Meu corpo gerador não pode gerar, porque mais que a agregação biológica dos “gametas” é necessária compatibilidade áurica, sabe aquele afeto pós coito, que desprende energia e ondas elétricas de satisfação? Gerar exige também essa satisfação para além da eletricidade que percorre a pele. Gerar exige pulso, vibração.

Mas meu corpo foi capaz de acolher quem foi gerado num corpo-empréstimo, também excluído do circuito de amor ágape, do amor Eros e do momento de satisfação cósmica. Sou grata a essa força geradora, que se perdeu no desconhecido medo de não dar conta e que me entregou com pesar, essa responsabilidade de dar caminhos aos seus rebentos, sem nem mesmo saber quem eu sou e se era digna desse merecimento.

Meu corpo é um corpo “Mulher-mãe”. Visto na maioria das vezes só como “corpo-mãe”. Às vezes penso que gostaria de tê-lo outra vez mais jovem, mais firme e desejado. Mas como apagar nele todo meu pranto, meus sorrisos, as gargalhadas largadas, os gritos de dor, os meus pesares por quem já foi, por quem está se indo ou a acolhida de quem chegou há pouco?

Meu corpo é uma corredeira de rio revolto.

Ora ye ye ô, Minha Mãe Oxum.

É correria lá e cá. É Insônia. É sono demais!

Meu corpo é música, é poesia, é vento.

É dia de tempestade. Eparey Oyá, Sra. Iansã.

É dança. Como apagar a dança? Ela está impressa em tudo: nos calcanhares inflamados, nos calos das solas dos pés, nas unhas encravadas dos dedões, está impresso no meu sorriso ao bailar!

Meu corpo é movimento, hoje bloqueado, pelas amarras de um abusivo amor egóico, que agora se desfaz. A dança há de retornar ao meu corpo fluido de água salgada, de pranto e de maresia, sob as bênçãos de Yemanjá. Odoyá!

Meu corpo é esse. É isso que se vê ou muito do que escondo e aperto no meu jeans surrado! Meu recôndito. Meu veículo de unção para o trabalho do Astral. Eu sempre olho no espelho e o que vejo nem sempre me agrada à primeira vista. Estico as rugas com os dedos, penso num sutiã com bojo, numa cinta abdominal dois números menores que uso (quanta opressão/quanto padrão). Na faca, não entro mesmo, não quero performar um corpo molde para deleite de olhar macho. Não quero paralisar minha expressão, ser um rosto sem história, engessado, engomado em químicas invasivas e venenosas.

Daí aquela imagem que o espelho reflete lembra tudo o que vivi e o que ainda desejo experimentar. É tempo de refazimento. É ciclo de morte e renascimento.

Meu corpo é o rejeito de quem não soube manejá-lo em sua intensidade, e é o afeto de quem o toca com a delicadeza de tratar rosas rubras, de besuntar segredos líquidos entre minhas pétalas. Meu corpo, é oásis dos meus devaneios, é ponto de parada para viajantes sem destino. É semeadura e colheita. Amo minha matéria bruta, minha casca grossa e os deságues das minhas folhagens suculentas.

Então, me aceito, me faço um elogio, me dou o lugar que mereço na minha própria construção de beleza singular. Ademais, um corpo pequeno, esguio e esbelto, não abrigaria toda a boniteza de reflorescer!



 **JANDIRA MIGUEL DALA**

“Ninguém sabia o que estava por detrás da maluquice dessa mulher, nem de onde ela era, muitos diziam foi receber feitiço para ficar rica não aguentou acabou por ficar maluca, tinha ainda aqueles que falavam que a família dela morreu, e ela ficou maluca por isso [...].”

JANDIRA MIGUEL DALA



Nasceu a 05 de junho de 1997, é natural da Província do Bengo, Angola. Filha de Miguel Francisco Paulo e Seja Estevão Contreira Dala. Licencianda em Letras Língua - Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira / UNILAB. Estudou até o segundo 2º ano do curso de Comunicação social no Instituto Superior Técnico de Angola. Foi membro da Associação dos Comunicólogos de Angola / ACAN. Pesquisadora e Bolsista da Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação/PIBIC-UNILAB/CNPq sob Projeto de Pesquisa: Mulheres e artes urbanas: resistência na cena de fortaleza. Membro do grupo de pesquisa Ateliê-pesquisas e estudos interartes. Membro do TEIA - laboratório de escrita em artes. Membro do projeto de extensão sobre o corpo feminino, literaturas africanas e afro-brasileiras. É youtuber e influencer digital.

Redes Sociais

Facebook: Jandira Dala JD

Instagram: @jandira_dalaa

Youtube: Canal Da Jandira Dala



TÂNIA MALUCA, MULHER DO RIO KWANZA

Ela caminhava todos os dias no Rio Kwanza¹, as pessoas sempre perguntavam quem é esta mulher? ... tão cabisbaixa, desesperada, sem vontade alguma de viver, os canucos sempre que a viam só gritavam:

- Tânia maluca, Tânia maluca, Tânia maluca, Tânia maluca...

Para muitos pais quando os filhos desobedeciam em casa eram ameaçados em levá-lo na Tânia maluca, com o medo, e estigma que as pessoas tinham dela acabavam por obedecer.

Ninguém sabia o que estava por detrás da maluquice dessa mulher, nem de onde ela era, muitos diziam foi receber feitiço para ficar rica não aguentou acabou por ficar maluca, tinha ainda aqueles que falavam que a família dela morreu, e ela ficou maluca por isso, ela passava sempre em Caculama² para ir ao rio Kwanza todos os moradores deste município conheciam-na. O rio lhe trazia paz ficava horas e horas aí, dormia nas ruas de Caculama, pedia esmolas³, comia no lixo, fazia piquenique em latinhas de Massa-Tomate,⁴ como panelas e com o pouco de comida que lhe era dado ou apanhava fazia piqueniques aí na rua para matar o bicho, quando ficava na rua sentada, muitos não aceitavam passar por aí com medo da Tânia maluca.

Algumas mulheres de Caculama já tentaram ajudá-la lhe levando para suas casas, dando roupa, abrigo e comida, mas Tânia maluca que já tinha escapado de clínicas de reabilitação sempre dizia:

- Eu pertenço ao rio Kwanza, sou filha das ruas aqui me sinto bem.

¹ Rio Kwanza é o maior rio exclusivamente de Angola nasce em Mumbué, município do Chitembo, Bié, no Planalto Central do país.

² Caculama é um dos municípios da província de Malange que é uma das 18 províncias de Angola, localizada na região norte do país.

³ Esmolas é uma expressão muito recorrente em Angola, que designa pessoas que pedem algum bem material (alimento, dinheiro, etc).

⁴ Massa-Tomate, estrato ou molho de tomate em alguns bairros em Angola chamam de massa- tomate.

Por aparecer andar muitas vezes descoberta as mulheres mais conservadoras de Caculama ficavam revoltadas, algumas acusavam-na de assediar seus maridos (ela sabe o que faz, essa não é nada maluca) esses eram os relatos de muitas pessoas. Tânia passava numa linda calma sem dar ouvidos a ninguém, com a sua melanina, o corpão de violão, ia ao local que tanto lhe acalmava o Rio Kwanza.

Um belo dia os moradores de Caculama começaram a achar a Tânia estranha, jovem de barriga fina de repente começou a crescer, o que deve ter acontecido? Como naquele local a fofoca⁵ não demora a rolar (espalhar-se) mais tarde a notícia percorreu a vizinhança toda que a maluca estava grávida! a velha Cecilia logo que soube disse no seu dialeto que é o Kimbumdo⁶:

- “aiué Ngana Nzambi”⁷ quem fez isso com essa ngadiama? muito triste!

A velha Cecilia tinha um enorme carinho pela jovem, outros se perguntavam quem foi que fez isso com a pobre maluca.

Tânia tinha sido estuprada e não entendia nada do que estava acontecer, as mulheres que gostavam dela chamaram-na para tentar saber quem fez isso com ela, mas a pobre maluca não sabia como explicar, perguntavam

-Tânia quem dormiu contigo?

Só chorava não sabia como responder.

Mesmo com a gravidez Tânia continuava a caminhar nas ruas de Caculama, indo para o Rio Kwanza, mas nesta altura já não era prazeroso como antes, Tânia só chorava o rio que tanto lhe acalmava passou a ser seu motivo de dor e tristeza.

Mariete uma das mulheres que ajudava a Tânia não fazia filhos. Tinha planos quando a filha/o Tânia nascesse cuidaria dela/e para preencher o vazio em suas mãos, pois não poderia fazer filhos e no bairro todos chamava-a de “Mbaca”⁸ isso deixava ela muito triste e se sentia uma mulher incompleta, pois desde cedo aprendeu que a riqueza de uma Mulher são os filhos que ela tiver.

⁵ Pessoas que recorrentemente falem da vida de outrem sem o seu consentimento.

⁶ Kimbumdo dialeto Angolano falado no Norte.

⁷ Aiué Ngana Nzambi, meu Deus.

⁸ Mbaca mulher que não pode fazer filho.

Mariete muito dedicada cuidava da Tânia acompanhava-a para as consultas de pré-natal, fazia comida para ela, ainda assim Tânia fugia sempre, dizia eu sou do Rio mau, ele vai me levar eu e o meu bebê, a maluca sabia que carregava outra vida dentro dela.

Um certo dia Tânia caminhando pelo bairro começa a ter as dores do parto, sangrava muito, alguns vizinhos notaram e logo mandaram os canucos ir chamar a Mariete, mesmo com dores e sangramentos a Tânia continuou andando em direção ao Rio Kwanza, algumas pessoas incansavelmente corriam atrás dela pedindo para esperar a Mariete, ela continuava a caminhar não ligava o que as pessoas diziam, jorrando muito sangue, mas ainda assim não parava.

Logo chegaram os canucos na casa da Mariete todos bem cansados de tanta corrida que deram, entraram logo gritando:

- Mariete, Mariete... Tânia maluca vai dar à luz.

Mariete que estava a trumunar⁹ a roupa na tabúa se levantou, e pôs-se a correr sem mais se importar com nada e disse

- Oh Nzambi !!! deixa-me ir, onde ela está? perguntou aos canucos

Eles disseram: em direção ao Rio Kwanza.

Assim que Mariete chegou encontrou a população pedindo para Tânia maluca sair do Rio Kwanza, ela continuava a mergulhar naquele Rio que tanto amava e que depois passou a odiar, e todos gritavam:

-Tânia saí daí, isso é perigoso você está grávida.

Os mais velhos diziam também, canuca saí daí isso é perigoso você está grávida, ela não se importava continuava a ir mais longe, Mariete gritava e chorava desesperadamente, Tânia traz o meu bebê já não quero ser mbaca dá me essa alegria, por um momento Tânia olhou atrás olhou para Mariete abanou a cabeça e continuava a nadar naquele Rio tão grande, até que chegou um momento em que Tânia maluca desapareceu dos olhos de todos, o rio comeu ela, Mariete chorava muito dizia:

- O Rio levou meu bebê nunca mais serei mãe, o Rio levou Tânia maluca...minha única esperança de ser mãe acabou de morrer.

-Oh Rio Kwanza perdeste o teu encanto! diziam os moradores de caculama.

⁹ Trumunar- lavar roupa na tabúa ou tanque.

➤ **LUCIA HELENA ALFAIA DE BARROS**

“Dolores é filha de águas profundas: quando misturadas às suas entranhas tornam-se vermelho escarlate; desaguando de seus olhos, brilham como as estrelas; encharcadas em seus cabelos, [...]”

LUCIA HELENA ALFAIA DE BARROS



Sou filha do maior rio da Terra -o Amazonas- e Contadora de Histórias do Grupo Acalanto, um dos rizomas do Movimento de Contadores de Histórias da Amazônia – MOCOHAM. Meu umbigo é afro e indígena, trabalho nos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede estadual em Belém – Pará e estou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural – PPGDS – do Museu Paraense Emilio Goeldi. Pesquiso as histórias orais

que fazem parte dos coletivos afrodescendentes presentes nas “Amazônias” rurais de Óbidos (PA), cidade onde nasci.

E-mail: profluciahbarros@gmail.com

Redes Sociais:

<https://www.facebook.com/luciahelena.alfaia>

<https://instagram.com/luhalfaia>



A TECELÃ DAS ÁGUAS

Ao cair da tarde o assobio do vento faz Dolores erguer o dedo indicador da mão direita para saber exatamente de onde ele vem e até onde quer chegar. Ela o espera e lhe presenteia com uma cortina grande de chita, cheia de flores graúdas e vistosas, que bailam na janela anunciando a chegada daquele que sopra seus pensamentos para outras margens. A cerca viva de samambaias que contorna sua casa, balança harmoniosa, pois sabe que à tardinha tudo se transforma naquele lugar.

Na janela, Dolores mostra seu melhor vestido: longo, branco, alvo como as nuvens em dia ensolarado, repleto de sinuosos bordados de fios e tramas inigualáveis, que ela mesma teceu. Delicia-se com o sopro do vento em suas tranças espalhadas sobre os ombros; aprecia o embalo das folhas, o barulho das árvores e ri dos redemoinhos n'areia provocados pelo curupira, escondido à espreita para o início de seu passeio noturno. Os assuntos segredados pelo vento nos ouvidos de Dolores assanham as águas do Aguapé, o rio que a viu nascer, foi cenário de seu primeiro banho e agora banha seus dois filhos.

Dos peixes do Aguapé ela e seus filhos se alimentam e a água corrente do pequeno rio ajuda em seu ofício de lavadeira, trabalho que garante o sustento de sua família com o pagamento que recebe de algumas pessoas por esse serviço. A lavadeira Dolores é conhecida em toda região e dizem à boca miúda, que suas mãos são encantadas, uma vez que os tecidos e roupas que lava, provocam sensações agradáveis em seus clientes e perfumam até o olfato mais desatento.

Dolores é filha de águas profundas: quando misturadas às suas entranhas tornam-se vermelho escarlate; desaguando de seus olhos, brilham como as estrelas; encharcadas em seus cabelos, têm as cores do arco-íris; remexidas no riacho, sorriem das infâncias brincantes e coloridas; sugadas de suas mamas, eternizam a fertilidade.

Dona de olhos amendoados e iluminados como o sol, tem na pele melanina intensa e brilhante que contrasta com o colorido de seus vestidos e capulanas usadas em diferentes ocasiões. Gosta de descalçar os pés par manter o contato constante com a água e a areia do fundo do Aguapé, líquido que identifica a intensidade da mulher que mora na “casa das plantas”, codinome de sua moradia naquele povoado.

A casa das plantas exala perfumes e vive enfeitada com variedade de folhas e flores de todos os tamanhos. Pés de manjeriço e tambatajás vistosos dividem-se nos degraus da escada; galhos de pião-roxo caem cerca adentro e o aroma do pau d'angola inebria os que por ali passam. Os pequenos curumins, filhos de Dolores, brincam de peteca e carrinho perto da cerca e vez por outra, enfiam os dedos nos espinhos das roseiras, balançando o caule do comigo-ninguém-pode e apostam a tradicional corrida até o Aguapé para o mergulho sincronizado, combinado com sorrisos fartos. Dolores sorri para a alegria; lava as roupas e olha os filhos; lava as roupas e canta; lava as roupas e a alma.

Filha da Mãe d'água sabe os ingredientes dos banhos curativos, ativa as infusões para os males do corpo e da mente e conhece as horas sagradas para colher, macerar e misturar vegetais. Às sextas-feiras, louva, agradece e envia suas oferendas ao sagrado altar; sussurra ladainhas e resposos acompanhados pelos gíngados de seus pés, despidos de amarras e convenções. Os encantados emanam energias a Dolores, saúdam matas e rios na hora morta que se aproxima e exatamente às 18 horas, abrem o portal sagrado das encantarias amazônicas.

Entregue aos encantados ela dança, transcende, e faz do Aguapé sua casa, seu ventre. A magia de seus dedos invade o rio e com suas cantigas tece finos tecidos, macios, leves e soltos como a pluma das samaumeiras; as linhas de suas mãos transformam-se em fios brilhantes de ouro e prata para arrematar as bordas; no ar, surgem saias, lenços, véus, lençóis e toalhas com reluzentes desenhos e tons, e a cada invocação aparecem novos tecidos, bailando junto com os encantados do Aguapé. Em sagrada comunhão, Dolores benze quebrantos, mau-olhado e panema, conjuga o verbo servir e socorre as aflições do lugar; de peito apertado canta baixinho e gira pro banzeiro do rio lhe acompanhar. Dolores mulher, mãe e filha das encantarias e de todas as águas dos rios.

Ornada e purificada pelos tecidos, ela retorna à sua moradia, perfuma os ambientes, abraça seus filhos e com as mãos em prece emana gratidão. Traz consigo a delicadeza da trama com texturas únicas que só suas mãos são capazes de tecer e as guarda no baú de vime perto de sua rede, encostado na parede do quarto, debaixo do oratório construído por seu avô, pois todas têm sua hora e dia de uso. O rio Aguapé se acalma e com leve banzeiro embala as canaranas de um lado a outro da margem, iluminado pela grande hora vivida intensamente pela mulher, sob os desígnios de sua mãe.

Cercada pelas espadas de São Jorge, Dolores descansa com os filhos e os embala ao som de cantigas da noite, daquelas que aconchegam os pensamentos mais rápidos e

enternecem os melhores sentimentos. Nesse instante, todo o povoado inala a leveza dos cheiros das ervas usadas pela mulher na beira do rio, e descansa para um novo dia. Os curumins dormem na certeza do calor da mãe e de seus guias, embalados pela noite que garante a casa.

Acompanhados pelo curupira e seus vaga-lumes, os encantados caminham imersos na escuridão da mata, com a certeza de que a tecelã das águas mais uma vez cumpriu suas promessas com preces conjugadas no silêncio. A festa noturna liderada por sua mãe, a Mãe d'água, naquela noite teve fim, e carregada de pedidos em suas vestes, ela os distribui aos encantados do meio e do fundo do rio, reverencia a lua e as estrelas, espia os moradores da casa das plantas, na plenitude do sono e de seus sonhos e lhes prepara para mais um período de entrega. Sabe que tecem sonhos e prodígios, afinal, a sabedoria de Dolores é presente, obrigação, ancestralidade e vida.



➤ **NÁGILA OLIVEIRA DOS SANTOS**

*“A morte passou a habitar entre nós e nossas rezas,
banhos e cantigas de despedida deixaram de ser
capazes de abrandar a nossa dor”.*

NÁGILA OLIVEIRA DOS SANTOS



Nágila Oliveira dos Santos é criadora e editora geral da Revista África e Africanidades. Mestre em Educação com ênfase em Relações Étnico-Raciais, especialista em História, Cultura, Literatura Africana e Afro-Brasileira. Pesquisadora, ministrante de cursos; e organizadora de livros e coletâneas sobre as temáticas africanas e afro-diaspóricas. Na área de Literatura organizou os seguintes livros: Literaturas Africanas (2009), “Okumana: Vozes e Olhares sobre Literatura Moçambicana” (2019) e “Nkanga: Vozes e olhares sobre a Literatura Angolana” (2021). Participou de antologias como: “Escrituras Negras II: As marcas” (2021), “Conversaiando com Mulheres” (2020), “Raízes Escritoras Negras: Resistência Histórica” (2019).

Site: www.africaeafricanidades.com.br

E-mail: nagila@africaeafricanidades.online

Cursos EAD: <https://ead-africaeafricanidades.maestrus.com/inicio/>

<https://www.facebook.com/nagila.oliveiradossantos.1/>



FILHA DE OXUM

As águas ficavam para trás com suas margens repletas de casas desbotadas, a casa de farinha com o canto das mulheres, os terreiros com crianças barulhentas e suas barrigas inchadas. Os cachorros magros, as mulheres a lavarem as roupas ou a consertarem as redes e os homens a maldizerem as vidas alheias à espera de trabalho que não vem.

Meus sentidos tentam registrar todos os detalhes daquelas águas que permaneceram em meus melhores sonhos e pesadelos nos últimos vinte anos, desde a minha partida. Inútil, pois para mim não há novidades naqueles ruídos, nos movimentos de minha mãe d'água. Fui violentamente concebida pela minha mãe-menina, naquelas margens, segundo as mulheres mais velhas da vila. Também fui parida sobre as águas, numa balsa a caminho da maternidade, uma vez que a última parteira da vila, minha avó, fora assassinada, no dia da minha concepção, ao avançar sobre o turista que ganhara a inocência de minha mãe-menina após seu pai perder uma aposta de bar.

A partida de minha parteira-avó tornara o parto de minha mãe-menina mais difícil e cheguei ao mundo sob a proteção de Oxum, segundo minha madrinha.

Hoje, aos trinta e seis anos, reconheço o segredar das águas que, assim como eu, assistiram muitas mudanças desta monótona vila, parida em terras em que até Deus esquecera ter plantado gente.

As águas e eu vimos os olhos repletos de esperança e malícias dos primeiros garimpeiros a tirarem o nosso silêncio e pureza em busca de riquezas e prazeres. Também ouvimos, anos mais tarde, os ruídos das gargalhadas que abafavam a tristeza de homens desiludidos com o garimpo e cientes da situação de escravidão.

As águas e eu sentimos o cheiro azedo das bebidas baratas nas vendas, que brotavam como ervas daninhas em suas margens ou nos barcos-bares com suas luzes coloridas. Bebidas que consolavam madeireiros com saudades de seus amores, longe desta terra; mas que também consolavam as mulheres que viram o cultivo e a extração do dendê, da castanha do caju e da juçara, que sustentara gerações, perder território para a pecuária.

As águas e eu ouvimos histórias de homens da nossa vila, que enlouqueceram ao perderem a renda, a honra e suas famílias, a partir da presença constante dos forasteiros e

junto com eles, as doenças e as brigas. A morte passou a habitar entre nós e nossas rezas, banhos e cantigas de despedida deixaram de ser capazes de abrandar a nossa dor.

Os movimentos destas águas acompanharam o nascer dos movimentos dos corpos de nossas meninas-mulheres, com os lábios mal pintados de carmim, no ir e vir, nos barcos de turistas acompanhados, algumas vezes, por gente de dinheiro, como o prefeitinho e o pároco da cidade. Em época de campanha este povo depositava em nossas margens cestas básicas, remédios vencidos, sapatos velhos, sorrisos e santinhos. Mas passado este período, levavam nossas meninas e meninos. Na volta, os brilhos dos olhos não mais existiam. E não era raro que alguns destes pequenos escolhessem virar rio sob a luz do sol ou do luar.

As águas e eu acompanhamos a chegada da salvação trazida pelas barulhentas igrejas evangélicas, que plantaram, bem no meio de nossa vila, a presença da culpa e do pecado, enquanto distribuía, entre nossas lideranças, latas de sardinha, macarrão e fubá, ao mesmo tempo que vendiam água benta, óleo ungido e outros patuás.

As águas e eu ouvimos os gritos e clamores de obreiros e pastores que convenciam a nossa vila de que nossas ancestrais, benzedeiras, erveiras eram filhas do demônio. E assim, emudeceram as nossas cantigas de trabalho, rezas, músicas tradicionais e segredos vindos das águas e da floresta.

As águas e eu observamos, aos poucos, nossas anciãs serem batizadas nas águas, enquanto enterravam os poderes dos banhos, deixados por Oxum, das ervas segredados por Ossaim e das boas colheitas dados por Okô.

Quando completei dezesseis anos tive um sonho com minha avó-parteira e com minha mãe-menina, ambas, numa canoa, a me segredarem um chamado ancestral trazido pelas águas. Desde menina a presença destas mulheres dentro das águas ou em suas margens sempre me acompanhara e acredito ainda hoje que nunca fui levada pelos barcos dos turistas, dos políticos, dos pastores e de outros predadores dos corpos femininos negros, pois estive protegida por elas e por Oxum, a senhora da minha cabeça.

Minha velha madrinha havia enterrado o saber das ervas e dos orixás e sido batizada pelo pastor velho. Eu também havia começado a frequentar os cultos, mas por uma estratégia de manter-me um pouco mais protegida dos assédios que tinha no trabalho do bar e pela promessa de emprego como agente de saúde, num acordo entre a igreja e um candidato a vereador, já que eu era uma das poucas jovens da congregação que havia continuado os estudos e que também já poderia tirar o título até as próximas eleições.

Durante dois meses o sonho se repetiu diversas vezes e o chamado era o mesmo. Então, disse para minha velha madrinha que queria também me batizar e ir mais longe na obra da salvação. Queria ser obreira e para isto precisava fazer um curso oferecido pela igreja na cidade grande. Não houve objeções e em poucos dias parti no barco da igreja com o pastor velho a me devorar com os olhos.

Não sei explicar como vinte anos atrás, mesmo sem nunca ter pisado na cidade, eu conseguira fugir tão rápido do pastor, que nunca mais pôs os olhos em mim. Os dias e os meses que se seguiram não foram fáceis e se a presença de minha parteira-avó e minha mãe-menina haviam me protegido da violência masculina às margens do rio, na época eu achava que pouco tinham conseguido fazer em terra totalmente firme. Meu primeiro ganha-pão foi às margens do cais e deixei de sonhar com minhas ancestrais. Mas numa noite ao ser recolhida numa ação da assistência social compreendi que nunca haviam me abandonado.

Consegui meu primeiro documento e pude escolher o meu nome numa busca de enterrar a vila em mim. Prestei uma homenagem as minhas ancestrais e ao escrever achei bonito o nome. A assistência social me orientou a retornar para a escola numa turma de EJA e durante o dia passei a labutar numa peixaria. Morei na rua e em abrigos até conseguir a confiança da dona da peixaria e poder dormir no estabelecimento. O cheiro dos peixes em nada fazia lembrar o perfume do pescado trazido pelas redes das mulheres da vila.

Numa das aulas de biologia, a professora falava sobre ervas medicinais, saberes tradicionais e sobre a importância das parteiras. Já havia notado uma presença marcante naquele cabelo encrespado, naquela pele negra, nas saias coloridas e no contraegum. Pela primeira vez fui participativa na aula e após o término conversei sobre as ervas e sobre as mulheres rezadeiras, benzedeiras, erveiras e sobre os banhos. Ah, os banhos com seus cânticos e aromas! Senti falta das águas e de seus segredos. Concluí os estudos e com a ajuda desta professora e do povo do terreiro, que fui apresentada por ela, consegui me preparar para o concurso de agente comunitária de saúde. Aprovada então. Isto já faz alguns anos e outros concursos também se seguiram.

Preparava o retorno à vila desde 2020 quando tudo começou. Infelizmente, não mais encontrei minha velha madrinha, a quem nunca tive a coragem de enviar uma carta depois que fugi do pastor velho e do destino de ser obreira. Não havia como ser diferente, meu destino era outro e as águas já haviam me anunciado.

Vimos para um trabalho de campo sobre conhecimentos tradicionais de mulheres quilombolas na área de saúde e sobre a influência das águas na nutrição da comunidade.

Numa parceria com a secretaria municipal de saúde trouxemos em nosso barco as doses da CoronaVac e a equipe de agentes.

Na próxima semana será inaugurado a UBS e assumirei o cargo de enfermeira chefe, além de dar continuidade aos projetos de pesquisa e extensão. Eu e as águas temos muita conversa a colocar em dia, pois nos últimos vinte anos perdi como esta comunidade foi capaz de reencontrar a sua ancestralidade e recuperar as rezas, os cânticos, os cheiros, os sabores, os saberes e fazeres. Grata surpresa ao saber que a comunidade batizara a USB de Júlia Nunes, nome da última parteira.

Sentada no barco, junto aos meus alunos da graduação, eu observo as margens do rio e olho, pelo reflexo do espelho, a admiração destes jovens frente a grandiosidade destas águas, a resistência e o saberes destas mulheres quilombolas.

_ Oxum, que sempre foi a senhora da minha cabeça, guie o meu retorno!



➤ **NELI OLIVEIRA DOS SANTOS**

“Sem saber ler e escrever conseguiu brigar com o Ministério da Agricultura para que tirasse a família de um lugar onde a Vale do Rio Doce estava a prejudicar a saúde de seus filhos”.

NELI OLIVEIRA DOS SANTOS



Mulher negra capixaba. Passei a infância e parte da juventude a acompanhar o cotidiano da mãe lavadeira no interior do Espírito Santo. Sonhava em ser radialista. Mudou-se para o RJ, tornou-se dona de casas e criou três filhos. Tenho 70 anos e estou me aventurando a fazer escritórias. Com este conto falo de minha mãe Julia. Uma mulher fantástica.



JÚLIA ÀS MARGENS DO RIO ITAPEMIRIM

Eu nasci em 50. Cresci vendo uma mãe tão amorosa, cercada de onze filhos, do cuidar da casa e com a tarefa de ser mulher- lavadeira-ribeirinha às margens do rio Itapemirim.

Não sabia ler e escrever, mas nunca misturou a roupa dos fregueses. Separava todos os itens na hora de lavar e passar, classificando por tipo, cores e fregueses. Assim ia se formando os balaios de roupas lavadas, engomadas e passadas da dona Maria da alfaiataria, do doutor médico, do doutor advogado, da doutora professora, dos rapazes da Caixa Econômica e dos outros bancos da cidade. _ Meu Deus! Não podia esquecer ainda as roupas de casa. _ Meus meninos não podem andar sujos e maltrapilhos, dizia Júlia.

Seus meninos eram tudo pra Júlia. Ainda tinha tempo para sentar-se à máquina e coser as roupas dos filhos que se rasgavam pulando as cercas de arame farpado. Nestas horas devia pensar também nos filhos que se foram, nos sonhos para cada um dos rebentos, nas alegrias, dores e esperanças levadas pelas águas do Itapemirim.

Sem saber ler e escrever conseguiu brigar com o Ministério da Agricultura para que tirasse a família de um lugar onde a Vale do Rio Doce estava a prejudicar a saúde de seus filhos. A poeira do pó de minério estava bem ao lado da casa onde vivíamos. Mudou-se para outra cidade, novo lar, novos fregueses, novas trouxas de roupa e novas águas. Mas ela não se aquietava e deu um jeito de também trabalhar como dona de restaurante na própria casa, para atender os funcionários do novo serviço do seu marido.

O marido nunca se envolvia, mas aceitava. Naquela época as mulheres ficavam em casa e não podiam trabalhar, mas Júlia era uma mulher à frente dos dias que vivia. Com o trabalho de lavadeira comprou terreno, construiu casas e vendeu. Criou os filhos.

Nos anos 60 sua saúde já não era metade do que tinha sido, pois havia passado mais da metade de sua vida à beira do rio Itapemirim, a lavar roupas do amanhecer ao entardecer. A saúde foi embora nas águas do rio.

Em 66 foi o ano que definitivamente o ferro à brasa deu as suas últimas passadas nas roupas dos fregueses que ainda queriam seus trabalhos de lavadeira. Não vou citar nomes,

por ética profissional. Mas os fregueses jamais esqueceram Julinha, lavadeira de roupa de mão cheia.

Em 68 Júlia veio para o Rio de Janeiro, pois precisou fazer uma cirurgia à época bem complicada, redução do intestino. Mais uma vez Júlia se fez forte e saiu vitoriosa após oito horas de cirurgia, mas nunca mais retornou às margens do Itapemirim.

A lavadeira Júlia veio a falecer numa travessia férrea em Vigário Geral, por não passar pelo viaduto. Tinha limitações, mas poderia ter subido as escadas. Era muito apressada como as águas do rio Itapemirim.

Só falta dizer que quem escreve a tudo acompanhou. Das águas frias das lavagens de roupa à beira do rio Itapemirim ao calor das madrugadas trazido pelo ferro em brasas e pelas orações à Santa Terezinha de Jesus que ela sempre fazia.

Crescida eu levada na bandeja as roupas passadas e engomadas dos fregueses e recebia como agrado lápis e caderno para a escola que frequentava. Assim não podia deixar de contribuir para que a história de Júlia chegasse a outros lugares para além das margens do rio Itapemirim.





SOLANGE SANTANA

“As horas foram passando lentamente e, entre baldes, panelas e dedos cruzados, Conceição viu a costumeira fila crescer atrás dela. Mulheres, crianças, bacias, baldes e panelas foram surgindo de todas as partes do Musseque do Sambizanga”

SOLANGE ALVES SANTANA



Solange Alves Santana nasceu em São Paulo/SP. É mestre em Ciência da Informação pela ECA/USP e formada em Letras e Biblioteconomia pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é produtora editorial e professora em um curso pré-vestibular comunitário. Publicou os livros de poemas *O chão em que piso*, em 2017, pela CBJE e *Quarentenas*, em 2020, pela Umojas. Organizou as antologias literárias *Passos Andantes* (2010) e *O outro voo da coruja* (2021), ambos pela

CBJE. Participou de coletâneas literárias, entre elas, *Entrelinhas* (2008) e *Sentido Inverso* (2009) pela Andross Editora, *A matriz da palavra: o negro em prosa e verso* (2015) e *Eu sou o samba* (2016) pela Litteris Editora, *Palavreiras* (2019) pela Autografia Editora, e *Elas e as Letras: insubmissão ancestral* (2020) pela In-finita Editora.

Redes sociais:

Instagram: @solangesantana_poeta

Twitter: @solange_biblio



FIO D'ÁGUA

De repente, Conceição pulou assustada da cama. Instintivamente, olhou para o relógio pendurado na parede. Eram três da manhã. Silêncio no musseque do Sambizanga. Silêncio quebrado repentinamente pelo barulho estridente que começava a sair do fontanário.

- *É Água!*

Conceição arregalou seus grandes olhos pretos.

- *Água!*

O pensamento de Conceição se agarrava a essa palavra. Parecia milagre.

- *É Água!*

Tropeçando nos colchões de palha dos filhos espalhados pelo chão de terra batida, Conceição se levantou apressada. Juntou os poucos baldes e panelas que tinha no barraco de lata e correu pela viela escura até o fontanário. Era a primeira a chegar ali. Ofegante, se sentou diante da velha torneira e colocou as mãos com os dedos cruzados sobre o colo - como em silenciosa oração a Mamã Muxima. Conceição suspirou. Para sua sorte, um fio d'água teimava em cair. Um a um, Conceição foi enchendo baldes e panelas. O fio d'água foi aos poucos preenchendo o vazio em Conceição.

As horas foram passando lentamente e, entre baldes, panelas e dedos cruzados, Conceição viu a costumeira fila crescer atrás dela. Mulheres, crianças, bacias, baldes e panelas foram surgindo de todas as partes do Musseque do Sambizanga. Era assim, da água, que a vida improvisada acontecia no musseque. Aquele fio d'água que teimava em resistir no fontanário era - para todos ali - a derradeira esperança de roupa lavada, banho tomado e, talvez, de barriga cheia.

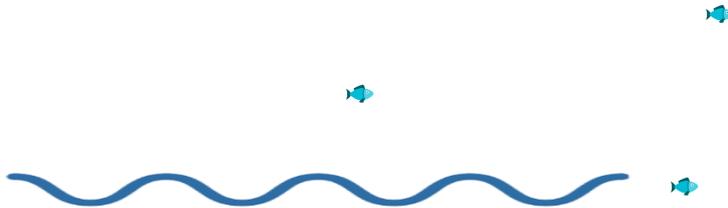


➤ **WUDSON GUILHERME DE OLIVEIRA**

WUDSON GUILHERME DE OLIVEIRA



Mestrando em Educação pelo Programa PPGEduc/UFRRJ. Licenciado em História, pela UNISUAM. Com Pós-Graduações “Lato-Sensu” em Educação e Relações Étnico-Raciais, pelo PENESB/UFF, em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, pelo MEC/UNIAFRO/UFRRJ e História da África e a Diáspora Africana no Brasil, pelo Centro de Pós-Graduação SIMONSEN. Desenvolve vivências como Docente das Disciplinas de História, Filosofia, Sociologia e Geografia nos Anos Finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA na Educação Básica, Pesquisador, Palestrante e Oficineiro. Possui de modo voluntário um *“Projeto de sensibilização às histórias Africanas e Afro-Ameríndias através das literaturas”*. E-mail: wudafrica@gmail.com.



UMA MULHER MISTERIOSA

Me lembro como se fosse hoje, era uma manhã de sexta-feira fria, chuvosa com raios, tempestades e ventos, quando minha Mamãezinha começou a sentir as contrações. Corri até a aldeia mais próximo para chamar a parteira. E para espanto, Dona Nhánhá, havia ido atender outro chamado urgente em um vilarejo muito mais longínquo.

Sem sucesso, resolvi enfrentar a rebordosa e retornar para casa e acudir a minha Mamãezinha.

Ao adentrar em casa, ela gritava muito de dor, isso durou o dia e a noite. E na casa, só estávamos nós duas. Ainda chovia bastante, um vento frio entrava pelas frestas das paredes da casa de pau-a-pique. Quando me veio na cabeça, em me ajoelhar-me e pedir a Deus Pai Todo Poderoso para proteger a minha Mamãezinha, e a Nossa Senhora de Aparecida, das Candeias, dos Prazeres e da Conceição que intercedessem por Ela.

Quando de repente, eis que senti uma sensação divina que acalentou o meu coração. Seguida de uma presença boa e fraterna, foi no momento em que ouvi uma voz impregnada de grande doçura e proteção.

- **Agô!** – alguém exclamou de repente está palavra dentro do quarto.

Espantada, quando me virei, me deparei com uma Mulher misteriosa de muita vaidade e de resplandecente beleza física. Trajava um vestido deslumbrante, digno de uma Rainha das histórias das Áfricas, contadas pelo meu Vovozinho aos pés da grande Árvore Mãe. Histórias essas para serem contadas em outro momento.

O seu corpo era envolvido com um vestido feito com tecidos lindos, uma mistura harmônica de tons diferentes de amarelos com dourados, com uma cauda pomposa, que me fizeram recordar das vezes que tive os privilégios de me deparar com as magníficas cenas, de ver a encantadora Sereia sentada nas pedras da cachoeira, com seu rabo de peixe cheio de escamas de ouros, refletindo os raios do sol e quase cegando a gente com tanta beleza e brilho.

- **Ora iê iêu!** Obrigado minha Mãe zelosa por me auxiliar neste momento de maternidade... Ô grande Rainha da doçura e da beleza... Protetora das crianças, e grande deusa da benevolência e do amor... Me ajuda nesta peleja e salva ao menos o meu bebê... Por

Olorum! Mãe responsável pela fecundidade! – Exclamou Mamãezinha tremendo e suando com intensas dores e com os olhos debulhando em lágrimas, agradecendo a presença da Mulher vaidosa e elegante que chegou sem se identificar.

A visitante se dirigiu em direção a cama da minha Mamãezinha, me levantei rapidamente e fiquei observando aquela pessoa esguia. O estranho era que Eu não conseguia ver nitidamente o seu rosto, mais sentia que no quarto da casa, havia um cheiro forte de **macacá**, que exalava todo o cômodo.

- Calma filha... Você está perdendo muito **ejé**, tenha fé! – Falou sussurrando baixinho como modo de confortar minha Mamãezinha.

De costas, a bela mulher que não era a minha Avó, usava um belo **ibá** na cor amarelo-ouro e muitos **idés**. De repente ela me pediu para colocar mais **omi** na bacia para aquecer no fogão à lenha. Mais Eu fiquei mesmo, foi enfeitiçada com o **abebê**, principalmente com a minha imagem que ele refletia de forma nunca vista. Eu nunca havia me visto tão nitidamente assim, resplandecente... Como me vi no reflexo daquele espelho! De repente só ouço uma voz melódica me acordando do encanto.

- Pequena moleca Ceição! Se apressa **omode**... Pois esse moleque precisa nascer o quanto antes, deixa de devaneios menina! Que o tempo está correndo! **Unbó** moleca! Falou a mulher bonita de jeito **alase** quase nada, nada doce! E Eu logo sai correndo, pois não queria vê-la na fúria.

Ao entrar na cozinha executei logo a tarefa, e após, fui no terreiro de baixo de chuva, colher umas frutas que estavam aos pés da mangueira. Ao entrar, tirei todas as cascas que envolviam as frutas, e cortei várias tiras do fruto para oferecer à “Mãe da minha Mamãezinha”. De repente, ouvi um grito de alívio da minha Mamãezinha e em seguida, um choro forte e longo do **kekerê**.

- Ele nasceu!

Pensei Eu... E saí saltitando para o quarto, quando cheguei lá, senti um aroma doce de mel de abelha e vi a minha Mamãezinha com o bebê nos braços já amamentando, a imagem foi linda e muito marcante. Bem que a Mulher misteriosa adivinhou... O nenê foi um menino mesmo!

- Ceição minha **alamanda**, venha à cá! Disse ela.

Com grande delicadeza nos gestos a Mulher misteriosa caminhou em minha direção, fechei os meus olhos e ela tocou na minha **ori**, e com grande doçura na voz, falou as simples palavras que não esqueço nunca!

- **Alafiá** menina, **koserê**!

Quando abri os meus olhos para agradecer, ela desapareceu só deixando um cheiro doce de **oyñ** com **macaçaá**, e até hoje não sei quem foi a Mulher misteriosa que ajudou a trazer ao mundo você meu Irmãozinho!

Glossário:

Abebê – Leque-espelho, simboliza o poder genitor feminino de Oxum.

Agô – interjeição usada na tradição dos orixás como pedido de licença em lugares sagrados.

Alafiá – Felicidade, tudo de bom.

Alamanda – Arbusto sarmentoso, da família das apocináceas, cujas flores amarelas são dedicadas a Oxum.

Alase – Pessoa que tem autoridade.

Ejé – Sangue.

Ibá – Colar de balangandãs que integra as vestes rituais de Oxum.

Idés – Conjunto de pulseiras, insígnia de Oxum.

kekerê – Pequeno.

koserê – Que seja feliz, e que tudo de bom aconteça.

Olorum – literalmente “o dono do *orun*”, o Deus supremo dos *yorubás*.

Omi – Água.

Omode – Criança.

Ora iê iêu – Forma brasileira da interjeição de saudação a Oxum.

Ori – Cabeça; destino ou espírito.

Oyn – Mel.

Macaçaá – Erva da família das compostas. Pertence a Oxum e de odor agradável.

Unbó – Está vindo, está chegando.



SOBRE AS ORGANIZADORAS

ELAINE MARCELINA



Elaine Marcelina nasceu no Rio de Janeiro. É graduada e mestra em História, escritora e roteirista. Tem nove livros publicados, entre eles “Mulheres Incríveis”, “As coisas simples da vida” e As tranças de Marcelina. No final de 2019, lançou a Série da Marcelina, criando uma personagem negra, numa trilogia com três livros. Seu livro autoral mais recente é Beata: A menina das águas (infantil). Participou de várias antologias, dentre elas “Cadernos Negros” Ed. 38, 40, 42 e 43 e vem também organizando outras tantas. Regularmente escreve para o blog: www.mulheresincríveis.blogspot.com e ministra a oficina de escrita criativa “Meu primeiro livro”, de forma a incentivar a escrita de crianças, jovens e adultos. É membro do grupo de pesquisa Escritas do Corpo Feminino - UFRJ, Militante do MNU- Movimento Negro Unificado. Coordenadora do GT de Literaturas Afro-Brasileira da Revista África e Africanidades, atuando também no periódico como conselheira editorial. Criou com a militante Anna Gomes, a livraria Oju-Obá (Rua Alfredo Pessoa, 85, apt. 201, Campo Grande, Rio de Janeiro ou -oba.lojaintegrada.com.br) especializada nas temáticas africanas e afro-brasileiras.

ÉERICA LUCIANA DE SOUZA SILVA



Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora. É professora no Instituto Federal Fluminense, em Campos dos Goytacazes. Faz parte do grupo de pesquisa NECEL (Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagem), do Instituto Federal Fluminense e do grupo Licafro-UFF (Laboratório Interdisciplinar e Interinstitucional de Literaturas Africanas e da Diáspora negra). Membro do GT de Literaturas Africanas e do conselho editorial da Revista África e Africanidades

➤ NÁGILA OLIVEIRA DOS SANTOS



Nágila Oliveira dos Santos é criadora e editora geral da Revista África e Africanidades. Mestre em Educação com ênfase em Relações Étnico-Raciais, especialista em História, Cultura, Literatura Africana e Afro-Brasileira. Pesquisadora, ministrante de cursos; e organizadora de livros e coletâneas sobre as temáticas africanas e afro-diaspóricas. Na área de Literatura organizou os seguintes livros: Literaturas Africanas (2009), “Okumana: Vozes e Olhares sobre Literatura Moçambicana” (2019) e “Nangu: Vozes e olhares sobre a Literatura Angolana” (2021). Participou de antologias como: “Escrituras Negras II: As marcas” (2021), Conversaiando com Mulheres (2020), Raízes Escritoras Negras: Resistência Histórica (2019).

Site: www.africaeafricanidades.com.br

E-mail: nagila@africaeafricanidades.online

Cursos EAD: <https://ead-africaeafricanidades.maestrus.com/inicio/>

<https://www.facebook.com/nagila.oliveiradossantos.1/>

➤ PATRÍCIA ANUNCIADA



Patrícia Anunciada é professora formada em Letras, mestre em literatura e doutoranda pela USP. Estuda literatura de autoria negra feminina. Participou das coletâneas "Professoras poetas", "Vozes da periferia" e "Escreva como uma mulher".

